

PIB do 2o trimestre lança por terra perspectivas para o ano

Quinta-feira 31 de Agosto, 2006 4:12 GMT

Por Daniela Machado

SÃO PAULO (Reuters) - A economia brasileira perdeu força no primeiro semestre, esmorecendo também as perspectivas para o ano. Ainda que considerem alguma recuperação na segunda metade de 2006, economistas já não apostam em crescimento maior que 3 por cento.

O Produto Interno Bruto (PIB) avançou apenas 0,5 por cento frente aos primeiros três meses do ano, informou na quinta-feira o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em relação a igual período do ano passado, a alta foi de 1,2 por cento.

Trata-se do pior desempenho desde o terceiro trimestre de 2005.

"A qualidade do crescimento é péssima, o crescimento está sendo puxado por consumo. Isso só não está gerando pressão de inflação porque tem o boom de importações", avaliou o estrategista-chefe do BNP Paribas no Brasil, Alexandre Lintz.

"Essa vai ser a cara do ano. O investimento caiu (no segundo trimestre) e... acho difícil imaginar rodadas de investimento nesta segunda metade do ano."

O BNP Paribas ainda tem como cenário oficial expansão de 3,3 por cento neste ano, mas deve cortar a estimativa para 3 por cento, segundo Lintz.

Já o ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse nesta manhã manter a expectativa de que o Brasil cresça 4 por cento no ano.

A visão não é compartilhada pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi). "Com o resultado divulgado hoje, fica bem distante da realidade a perspectiva de um crescimento entre 4 e 4,5 por cento para este ano", avaliou.

"Mesmo para um crescimento mais modesto, como 3,5 por cento, a evolução do segundo semestre teria que se acelerar para níveis que hoje parecem difíceis de ser alcançados."

Entre os componentes do PIB, o destaque positivo foi o consumo das famílias --segmento impulsionado pelo crédito e pela recomposição da renda.

Esse consumo cresceu 1,2 por cento do primeiro para o segundo trimestre. O consumo do governo teve alta de 0,8 por cento na mesma comparação.

Já a formação bruta de capital fixo --uma medida dos investimentos-- caiu 2,2 por cento.

"O principal ponto negativo foi a queda na formação bruta de capital fixo que, além de ter sido mais forte que o esperado, piora a perspectiva", afirmou o economista-chefe da Fator Corretora, Vladimir Caramaschi. "Vou rever para baixo minha previsão para o PIB do ano."

Considerando os setores, a indústria teve retração de 0,3 por cento, enquanto a agropecuária subiu 0,8 por cento e os serviços avançaram 0,6 por cento.

O IBGE também revisou para baixo em 0,1 ponto percentual o comportamento do PIB no primeiro trimestre.

"O 'stop and go' industrial mostra-se extremamente curto na presente etapa da economia brasileira", acrescentou o Iedi.

BANCO CENTRAL PREPARADO

Lintz, do BNP, não acredita que a fraqueza da economia possa afetar significativamente o rumo da campanha eleitoral -- com indicação de vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em primeiro turno.

Economistas lembraram que o Banco Central optou, na véspera, por um corte maior que o esperado da taxa básica de juros --o que pode servir de pára-raios contra as críticas de que estaria comprometendo o crescimento do país.

"O Copom já antecipou o PIB ruim. O (corte) de 0,50 ponto veio dentro do consenso de inflação mais baixa e crescimento aquém do esperado", disse Francisco Carvalho, gerente de câmbio da Corretora Liquidez.

A maioria no mercado apostava em uma redução da Selic em 0,25 ponto percentual. A decisão do Comitê de Política Monetária, a última antes do primeiro turno das eleições, colocou o juro básico em 14,25 por cento ao ano.

Apesar do décimo corte consecutivo da taxa, o Brasil continua na liderança do ranking de juros reais, segundo levantamento da consultoria Uptrend.

DINHEIRO NO BOLSO

A oposição não deixará fora da campanha o número fraco do PIB, mas analistas prevêem que os dados terão impacto desprezível nas urnas.

"É a exaustão de um modelo demagógico de Lula, que implantou a criação de uma demanda não sustentável, de uma política cambial equivocada, que determinou ao agronegócio uma situação que apenas começa a se esboçar e que sinaliza um crescimento do PIB abaixo do esperado", disse o líder do PFL no Senado, José Agripino (RN). "O pior ainda está por vir."

Para o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, houve ganho para a camada mais pobre da população.

"Onde (Lula) ocupa maior destaque é entre os pobres e entre os pobres brasileiros houve um ganho de renda bastante expressivo nos últimos anos", argumentou.

(Com reportagem adicional de Vanessa Stelzer, Nathália Ferreira, Natuza Nery e Alexandre Caverni)

© Reuters 2006. All rights reserved. Republication or redistribution of Reuters content, including by caching, framing or similar means, is expressly prohibited without the prior written consent of Reuters. Reuters and the Reuters sphere logo are registered trademarks and trademarks of the Reuters group of companies around the world.

[Feche Esta Janela](#)